

MODALIDADE DEÔNTICA EM LÍNGUA ESPANHOLA: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA EM *CORPUS* ORAL¹

Profa. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata (DLE-UFC)²
nadjapp@yahoo.com.br
Renata Pereira Vidal³ (UFC)
renatavidal@rocketmail.com

Introdução

O presente trabalho está relacionado aos projetos de pesquisa “A modalidade deôntica em língua espanhola” e “Modalidade deôntica em língua espanhola: uma análise funcionalista em *corpus* oral (Etapa 2)”, os quais contaram, em parte, com o apoio financeiro da FUNCAP, por meio de bolsas de Iniciação Científica (IC). O foco na língua espanhola se deve, em parte, à sua amplitude em termos de falantes no mundo (nativos + estudantes estrangeiros + competência limitada), que supera os 548 milhões de pessoas, colocando-a como a segunda língua mais falada mundialmente, conforme o Instituto Cervantes (2014).

Tendo em vista seu grau de importância, decidimos investigar uma categoria linguística nessa língua: a modalidade, que constitui a “gramaticalização das atitudes e opiniões (subjativas) do falante”. Baseando-nos em uma abordagem funcionalista da categoria, partimos do pressuposto de que os enunciados dependem em parte das reais intenções comunicativas do falante em relação ao que espera ser compartilhado pelo ouvinte. Especificamente no que diz respeito à modalidade *deôntica* (do grego *deon* = obrigatório), ela relaciona-se à obrigação, à permissão ou à proibição, ou seja, aos atos realizados por agentes moralmente responsáveis, cujo efeito perlocucionário vai depender do reconhecimento da força ou autoridade da *fonte deôntica* por parte do ouvinte, como no esclarece Lyons (1977).

A análise quantitativa, com apoio do SPSS, e a análise qualitativa, à luz do funcionalismo linguístico, se deram em uma amostra de um *corpus* oral de língua espanhola: o “*Macrocorpus de la norma lingüística culta de las principales ciudades del mundo hispánico*”⁴, o que totalizou 10.861 palavras, conforme constará mais detalhadamente na seção de ‘Metodologia’.

Em relação à organização geral do trabalho, dividimo-lo em três grandes partes: (i) a fundamentação teórica, no qual constam as principais características da vertente de base teórica e da modalidade em questão; (ii) a metodologia, na qual constam dados relativos ao *corpus*; (iii) a análise dos dados obtidos.

¹ Este trabalho vincula-se aos projetos “Modalidade deôntica em língua espanhola”, finalizado em 2014, e “Modalidade deôntica em língua espanhola: uma análise funcionalista em *corpus* oral (Etapa 2)” (2014-2015), que contam com apoio de PIBIC/IC da FUNCAP. Assim, este artigo conta com a participação da bolsista de IC, Renata pereira Vidal.

² Professora Adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras (Unidade de espanhol) / UFC – Fortaleza, Ceará. Brasil. Vice-líder do ‘Grupo de Estudos em Funcionalismo’ (GEF), coordenado pela profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira.

³ Graduanda em Letras/Espanhol. Bolsista de Iniciação Científica pela FUNCAP. Contato: renatavidal@rocketmail.com

⁴ Disponível em: www.lettras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/cintiaferreiradossantosmestrado.pdf

Funcionalismo e modalidade deôntica: alguns apontamentos

Iniciamos a nossa investigação sobre a modalidade deôntica em língua espanhola, após alguns estudos sobre tal categoria em português, tendo em mente as palavras de Aikhenvald (2004): “*No hay dos lenguas que sean exactamente iguales, ni sean enteramente diferentes. Es como si hubiera un inventario de las posibles categorías gramaticales y lexicales y cada lengua tiene un conjunto de opciones de este inventario.*”. Ainda que português e espanhol sejam tidas, em geral, como línguas ‘parecidas’, elas não são exatamente iguais nos usos que cada falante faz em relação à instauração dos valores semânticos de obrigação, permissão e proibição, nem nos modos de expressão desses valores, ainda que algumas expressões linguísticas ‘coincidam’. Desse modo, cabe-nos observar e descrever tais usos e os possíveis condicionamentos (linguísticos e/ou pragmático-discursivos) que conduzem as escolhas dos falantes, uma vez que “cada língua tem um conjunto de opções desse inventário”.

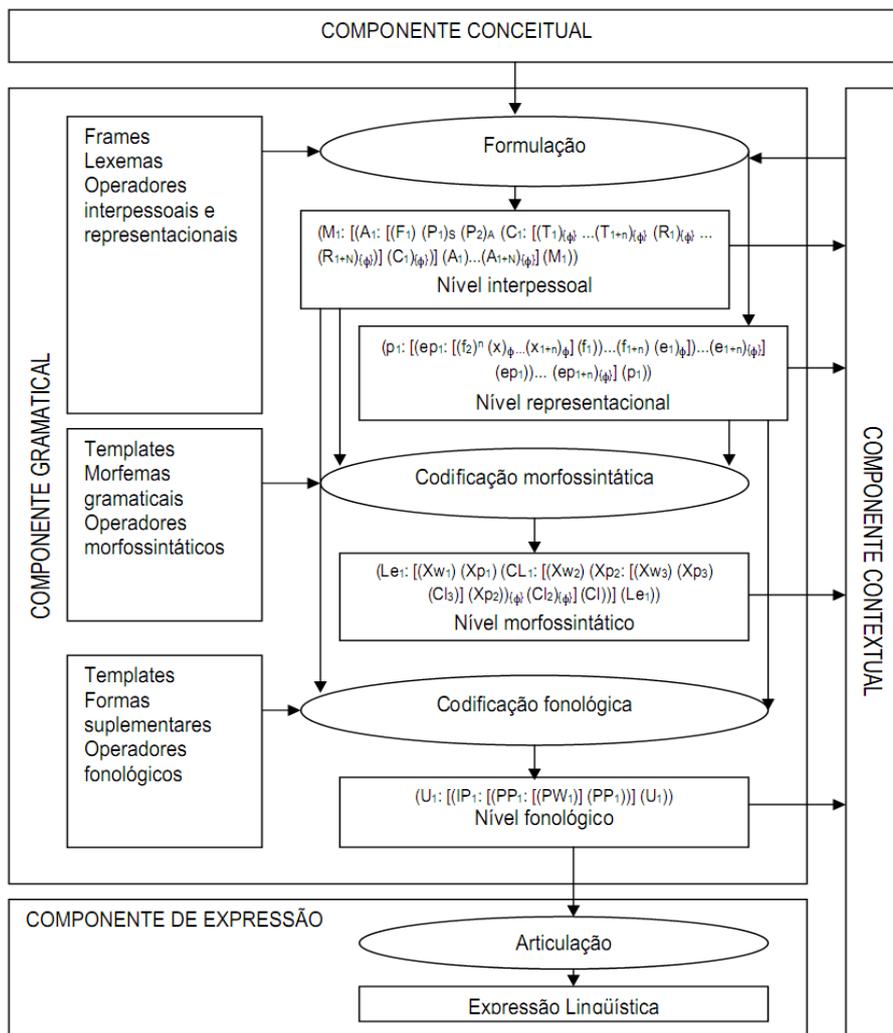
Já é sabido que a categoria modalidade tem sido objeto de estudo dos mais variados enfoques teóricos ao longo do tempo, com base em diversas abordagens (lógica, semântica, pragmática, sintática...), o que lhe confere caráter multidisciplinar. Entretanto, no que concerne à inter-relação entre tal categoria linguística e a construção discursiva em uma dada língua, como em português, em espanhol, em francês, em inglês, etc., muitas investigações se concentram na emergência dos meios de expressão da modalidade, em lugar de uma abordagem mais integrativa. Além disso, há o problema da polissemia dos verbos modais, visto que uma mesma forma pode ser usada para a expressão da modalidade epistêmica ou deôntica, como ressaltam Bybee & Fleischman (1995). Assim, em Inglês, o modal ‘may’ pode expressar permissão deôntica ou possibilidade epistêmica, o que ocorre também em línguas como o português (dever/ poder) e o espanhol (‘deber’ / ‘poder’).

Em Espanhol, assim como em Português, o modal “poder” permite diversas interpretações, que incluem noções como habilidade, permissão, possibilidade. Dessa forma, é possível que um enunciado como “Juan puede venir” seja parafraseado de diversos modos. Assim, em alguns casos, é o contexto (situacional ou o co-texto) que determina ou especifica o significado dos elementos linguísticos, como sugere Silva-Corvalán (1995), ao tratar de alguns modalizadores em espanhol. Daí a necessidade de se recorrer a aspectos de ordem pragmática, de modo a poder ver que as escolhas por determinados modalizadores estão relacionadas ao contexto do discurso. Sendo assim, acreditamos que os estudos de ordem sintática, semântica ou pragmática não são excludentes, mas complementares, uma vez que nos fornecem uma visão mais integradora da categoria modalidade deôntica. E mais, é preciso optar por uma abordagem que analise as estruturas linguísticas em uma dada situação comunicativa, o que pressupõe considerar o propósito do evento de fala, seus participantes e o contexto discursivo, como esclarece Nichols (1984). Daí a nossa opção pelo modelo de análise funcionalista, uma vez que a língua é vista como um instrumento de interação social, cuja principal função é a comunicativa. Vejamos:

A análise funcionalista ultrapassa as fronteiras de um estudo baseado estritamente na forma e observa como determinada estrutura se comporta no momento da interação comunicativa. A língua, nessa perspectiva funcional, é concebida, primordialmente, como atividade sociointerativa situada e não como um objeto autônomo, cuja análise da estrutura é desvinculada de seu uso em situações comunicativas. (ARAÚJO; TIMÓTEO, 2011, p. 312).

A opção pela orientação funcionalista se justifica também pela proposta de que a estrutura frasal está organizada em camadas ou níveis (HENGEVELD, 1987; DIK, 1997; HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), o que possibilita analisar a modalidade em diversos níveis de atuação, permitindo, assim, estabelecer tipos de modalidade. Além disso, por meio dessa organização em camadas, é possível observar as relações com outras categorias como tempo e aspecto, conforme se observa na Gramática Funcional (GF) e na Gramática Discursivo-Funcional (GDF), que constitui uma expansão da Gramática Funcional de Dik (1997). Nessa nova perspectiva, segundo Hengeveld (2004), a geração de estruturas profundas, bem como a interface entre os vários níveis, pode ser descrita em termos de decisões que o falante faz ao construir seu enunciado. Desse modo, a GDF trabalha com o modelo *top-down*, diferentemente da GF, conforme Figura 1:

Figura 1: Modelo de interação dos componentes, segundo a GDF



Fonte: Souza (2009, p. 40), baseado na Arquitetura da GDF, proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008)

A característica mais saliente desse modelo é que as decisões de análises das camadas mais altas determinam e restringem as possibilidades de análises das camadas inferiores. Como vemos, o processo de produção do discurso parte da intenção para a articulação. Hengeveld (2004) diz que o falante primeiro decide qual o seu propósito comunicativo, seleciona a informação mais conveniente e então codifica gramatical e fonologicamente esta informação e a articula.

Para a GFD, a unidade mais básica de análise é o ato de fala no discurso, o que transcende o nível da frase. É possível distinguir três níveis que interagem entre si: *o nível interpessoal* (que negocia com os aspectos formais de uma expressão linguística com base nas intenções do falante, contém descrições de todas as propriedades das unidades linguísticas que refletem o uso na interação verbal), *o nível representacional* (que está relacionado aos aspectos semânticos de uma expressão linguística, ou seja, ao modo pelo qual a língua(gem) relaciona-se ao mundo extralinguístico que ela descreve, bem como aos significados de unidades lexicais e unidades complexas isoladas a partir dos modos com que eles são usados na comunicação) e *o nível da expressão*. Esses três níveis interagem com o componente cognitivo (competência comunicativa, conhecimento de mundo e competência lingüística) e com o componente comunicativo (informações derivadas a partir da situação de fala).

Ao adotarmos um posicionamento funcionalista, vemos que é possível observar a inter-relação entre os modalizadores ditos deônticos e um dado tipo de texto ou outros fatores contextuais que possam influenciar a forma de expressão em espanhol, contemplando-se suas funções discursivas em ocorrências reais de uso, o que nos é de muita valia, para posteriores comparações, por meio de estudos contrastivos, entre o português e o espanhol, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem de espanhol como língua estrangeira (E/LE) no Brasil, por exemplo, e/ou do espanhol como língua materna (E/LM).

Cabe ainda ressaltar que, além de fornecer um posicionamento, os modalizadores são considerados articuladores metadiscursivos, que servem para introjetar o enunciador no seu enunciado, o que constituiria um dos modos de fazer o texto progredir. Dessa forma, os modalizadores são responsáveis também pelo encadeamento do texto, como esclarece Koch (2006).

De modo geral, este trabalho objetiva analisar a modalidade deôntica em língua espanhola, sob o enfoque funcionalista, buscando integrar, na análise, os componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos, o que pressupõe o estudo da língua em uso. Devido à importância do nível pragmático, a pesquisa funcionalista é feita pela análise dos enunciados realizados efetivamente.

Metodologia: delimitação do *corpus* e procedimentos de análise

Os objetivos por nós estabelecidos, bem como a opção por uma orientação funcionalista de análise, levam-nos a trabalhar com um *corpus* de ocorrências reais da língua espanhola. Vale salientar que o uso de um *corpus* nos permite realizar descrições de ordem linguística, baseadas em análises empíricas, o que ajudar a promover a discussão de questões teóricas fundamentadas no que ocorre realmente em uma dada língua, como o espanhol. Assim, para a análise da língua oral, utilizamos um *corpus*, que está disponível na Dissertação de Mestrado de Santos (2009), na qual consta o *Macrocorpus de la norma lingüística culta de las principales ciudades del mundo hispánico*⁵, de modo a totalizar 10.861 palavras.⁶

No tocante à modalidade oral, Marcuschi (2010) afirma que "[...] todos os povos [...] têm ou tiveram uma tradição oral [...]". Segundo Mattoso Câmara (1990), a língua oral, em virtude de sua completude, apreende a comunicação linguística em seu conjunto, em sua totalidade. O autor afirma que se deve partir da linguagem oral para

⁵ Disponível em: www.letras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/cintiaferreiradossantosmestrado.pdf

⁶ Essa quantidade de palavras teve em vista as comparações com outros dois *corpora*, constituídos para o projeto, quais sejam: editoriais e artigos de opinião, a fim de verificar possíveis condicionamentos extralinguísticos no uso dos modais deônticos. Para este trabalho, usamos três entrevistas referentes à cidade de Madrid, Ciudad de México e Buenos Aires.

entender a natureza da linguagem humana e como ela funciona. Os falantes fazem uso, no cotidiano, da linguagem oral para interagirem e se expressarem. Esta modalidade se caracteriza por sua grande capacidade de expressão graças à quantidade de componentes expressivos que a mesma possui, incluindo tanto recursos verbais como não-verbais, a saber:

- Pode ser improvisada ou dirigida;
- É espontânea;
- Inclui repetições e correções no decorrer do discurso⁷;
- Envolve a linguagem não verbal que se relaciona às movimentações corporais⁸;
- É aprendida de forma natural desde o nascimento a partir da interação com o meio⁹;
- Está bem relacionada ao cotidiano;
- Há enfraquecimento, alargamento ou perda de sons¹⁰.

Descritas as etapas para a constituição do *corpus* e algumas características da língua oral, abordaremos os procedimentos metodológicos de análise que seguimos:

1) Identificação dos modalizadores deônticos no *corpus*, por meio da leitura das transcrições.

2) Identificação e codificação das ocorrências, a partir do programa SPSS.

3) Classificação de cada ocorrência segundo as 'variáveis' estabelecidas.

4) Análise quantitativa e qualitativa dos dados obtidos.

Para a análise qualitativa do total de ocorrências, recorremos ao suporte funcionalista, mais especificamente à Gramática Discursivo-Funcional. Para análise quantitativa, utilizamos o programa *Statistical Package for Social Science - SPSS* (versão 7.5 para Windows), uma vez que este fornece resultados percentuais precisos ao pesquisador e é de fácil utilização, já que se assemelha ao Excel no que diz respeito às interfaces (barra de ferramentas, barra de menu, caixas de diálogo etc.), possibilitando a confecção automática de gráficos e/ou tabelas a partir dos dados quantitativos.).

Para que a análise seja eficaz, é necessário o estabelecimento de parâmetros a partir dos quais cada ocorrência seja analisada e descrita, o que foi feito com base na fundamentação teórica desenvolvida até o momento. Sendo assim, estabelecemos algumas 'variáveis' de modo a dar conta dos aspectos a serem analisados:

⁷ Andrade (2011).

⁸ Rodríguez (2008).

⁹ Marcuschi (2010).

¹⁰ Rodríguez (2008).

Quadro 1: ‘Variáveis’ de análise do *corpus* oral

ASPECTOS DO NÍVEL REPRESENTACIONAL – ASPECTOS SEMÁNTICOS		
1. Valor deôntico e polaridade	Obrigação	
	Negação da obrigação \cong permissão	
	Obrigação de não-actuar \cong proibição	
	Permissão	
	Negação da permissão \cong proibição	
	Proibição	
	Negação de proibição \cong permissão	
2. Fonte deôntica	Enunciador (falante)	
	Terceiro (reportado)	Instituição
		Indivíduo
		Não-especificada
3. Alvo deôntico	Inexistente	
	Enunciador	
	Domínio comum	
	Coenunciador (Ouvinte – 2ª. pessoa)	
	Terceira pessoa (definida/ indefinida)	Instituição
		Indivíduo
		Não-especificado/ terceiro ausente
ASPECTOS MORFOSINTÁCTICOS		
1. Formas de expressão	Auxiliar modal	
	Adjetivo	
	Verbo	
	Substantivo	
	Advérbio	
2. Tempo/aspecto verbal	Presente	
	Pretérito perfeito (simples)	
	Pretérito composto	
	Pretérito mais-que-perfeito (<i>plusquam.</i>)	
	Pretérito imperfeito	
	Futuro simples	
	Condicional (futuro do pretérito)	
3. Modo verbal	Indicativo	
	Subjuntivo	

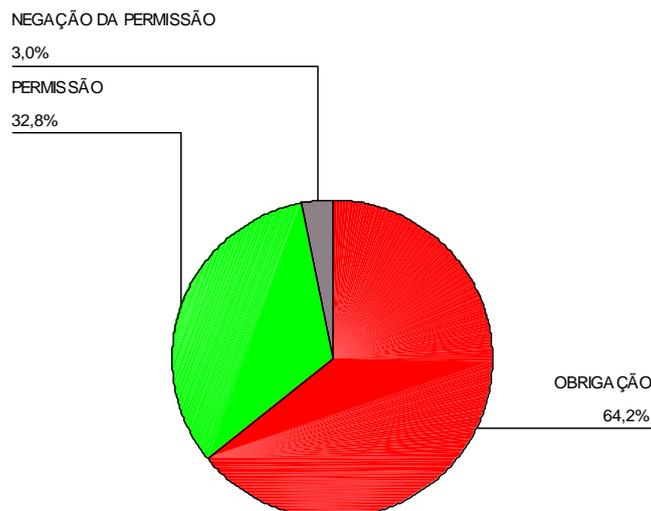
A análise qualitativa¹¹ compreende dois momentos: (i) o da análise de cada ocorrência, considerada no seu contexto; (ii) o da análise dos dados quantitativos obtidos em conjunto, que se faz em constante diálogo com o modelo de investigação funcionalista, conforme está na próxima seção.

Resultados: análise e discussão dos dados

Com base no *corpus* delimitado para esta investigação, constatamos que todos os valores deônticos foram mais instaurados por meio de auxiliares modais. A obrigação foi o valor mais frequente, como vemos no Gráfico 1:

¹¹ A análise das ocorrências nos ajuda a propor as ‘variáveis’ e, estas por sua vez, servem como parâmetro geral para todas as outras.

Gráfico 1: Valores deônticos e polaridade em *corpus* oral em língua espanhola.



Percebemos que o valor deôntico mais instaurado foi o de obrigação, com 43 das 67 (64,2%) ocorrências de modalizadores deônticos, o que já era esperado tendo em vista que esse valor é o prototípico da categoria, como vemos em (2), (3) e (4).

A permissão, por sua vez, foi o segundo valor mais frequente, com mais de 32,8% (22/67) do total. Vejamos:

(1) *Enc.- ¿Pero la autopsia realmente estropea el cuerpo?*

Inf.- No, no; le... le abren todo pero luego le dejan bastante bien. Un familiar no se da cuenta que le han hecho la autopsia.

Enc.- No, claro, es decir, le abrirán desde la garganta por todo el pecho hasta abajo, ¿no?

Inf.- Hasta abajo.

Enc.- Más o menos como a un cerdito, por ahí.

Inf.- Sí.

Enc.- No sé; parece una película de miedo, ¿no?

*Inf.- **Podemos** hablar de otra cosa, ¿no?*

Enc.- Es que es una cosa, vamos, nunca oída... (Entrevista 1 – Madrid – MA- 4. Mujer de 26 años. Neuróloga)

A informante, ao tentar mudar a direção da temática, faz uso do auxiliar modal ‘poder’, talvez porque questões morais e/ou profissionais façam com que ela não especifique tanto sobre como se faz uma autopsia. A permissão instaurada recai sobre os dois (entrevistador// entrevistada), que indiretamente, pela força ilocucionária observada no contexto, adquire um tom imperativo, principalmente pela marcação ao final do advérbio de negação numa interrogação.

Parece que os valores de ‘obrigação’ e ‘permissão’ podem ser de natureza mais *subjetiva* do que as proibições, o que justificaria seu menor uso no discurso oral. Essa distinção também é importante quando se analisam os valores de permissão e obrigação, uma vez que a diferença entre esses valores está na disposição do agente modal. Para o autor, a permissão codifica uma baixa atitude da fonte modal, bem como pressupõe disposição do agente para conduzir a ação; enquanto que a obrigação codifica uma forte atitude da fonte modal, bem como pressupõe não-disposição do agente.

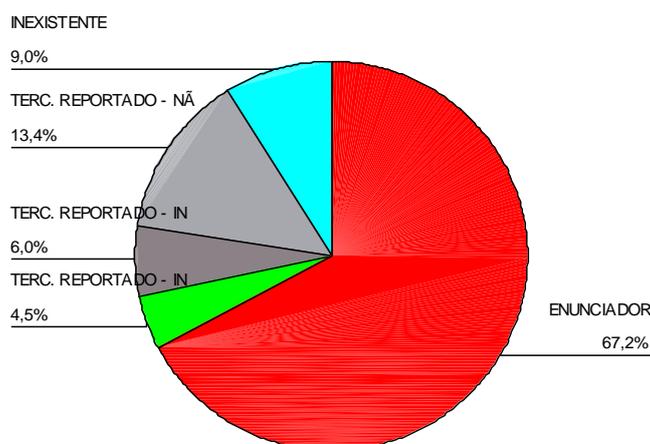
A proibição foi instaurada indiretamente por meio da negação da permissão (“*no poder*”), o que representa apenas 3% (2/67) dos casos, o que demonstra que os

falantes não têm ‘autoridade’ legal para a instauração desse tipo de valor, pois ela implica um ‘poder’ socialmente instituído, como percebemos em (2):

- (2) *Entonces, nada más morirse, con ese cadáver **no se pueden** hacer una serie de cosas porque es un cadáver, ¿no?* (Entrevista 1 – Madrid – MA- 4. Mujer de 26 años. Neuróloga)

Em relação à fonte deôntica, constatamos que o tipo *enunciador* é a fonte mais recorrente em 45 ocorrências, o que representa mais de 67,2% do total, conforme Gráfico 2.

Gráfico 2: Fonte deôntica em *corpus* oral em língua espanhola.



Essa elevada frequência de uso pode dever-se ao fato de que no *corpus* oral utilizado, há entrevista a falantes que mostram seus pontos de vista de modo mais aberto sobre algum tema que os interessa diretamente, como em (1):

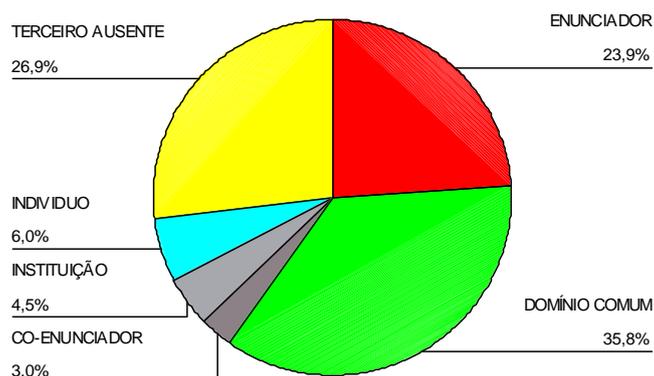
- (3) *Y algunas veces que **he tenido que** hacer así, por ejemplo, en mi profesión... cada vez que me he puesto a resolver un pleito muy difícil* (Entrevista 3 - Buenos Aires - BA-2. Hombre de 35 años. Abogado y docente universitario)

Em (3), a fonte é o próprio falante, o *enunciador*, que se coloca como alvo da obrigação instaurada tendo em vista questões externas a ele (resolver uma causa difícil). Esse alvo é o terceiro mais usado na instauração dos valores, como vemos no Gráfico 3 mais a diante. O enunciador faz referencia a ações passadas, tidas como próximas temporal ou psicologicamente do momento de fala, rememorando-as, uma vez que optou por flexionar o auxiliar modal (*tener que/ ter que*) no pretérito composto, segundo tempo do indicativo mais frequente nas análises dos dados.

Outro tipo de fonte deôntica que também se destacou foi o *não-especificada*, um dos subtipos do terceiro-reportado, do qual faz uso o falante como um meio de ‘descomprometer-se’ em relação ao valor instaurado.

No que diz respeito ao alvo, vemos, no Gráfico 3, que o alvo ‘domínio comum’ é o mais usado pelo falante (35,8%), provavelmente como um modo de colocar a ‘deonticidade’ para todos sem apontar a alguém em específico, seja porque não se pode/deve ou porque não se sabe a quem seria o responsável pela execução das ações.

Gráfico 3: Alvo deôntico em corpus oral em língua espanhola.



Cabe ainda mencionar o elevado uso dos alvos ‘terceiro-ausente’ (26,9%) e ‘enunciador’ (23,9%). Nesse último caso, o falante se reconhece como um ‘ser transformador’ ao imputarem-se os valores deônticos. Há, portanto, o compartilhamento pelas responsabilidades das ações: ora para a comunidade ora para si próprio.

Ao cruzarmos as ‘variáveis’ ‘fonte’, ‘alvo’ e ‘valor deôntico’, constatamos que a fonte *enunciador* instaura:

- obrigações igualmente para os alvos ‘domínio comum’ e ‘terceiro-ausente’ (20,9%);
- permissões mais para o alvo ‘domínio comum’ (40,9%);
- proibições igualmente para os alvos ‘domínio comum’ e ‘inexistente’ (50%).

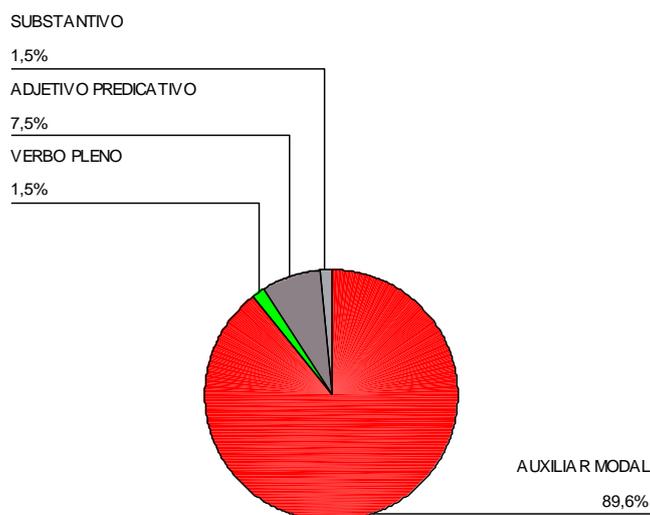
Vejamos (4):

- (4) *La vida de provincia, ya aparte de la profesión que es bastante incómoda, o sea, **tienes que** renunciar a bastantes cosas. Y tampoco es el irte a un pueblo, que puedes hacerlo por romanticismo y por pensar que ibas a hacer una labor mucho más heroica (...)* (Entrevista 1 – Madrid – MA- 4. Mujer de 26 años. Neuróloga)

Uma ocorrência como a que aparece em (4) constitui um exemplo do cruzamento especificado em a) supramencionado. Vale salientar que, ainda que a flexão verbal marcada seja a de 2^a. pessoa do singular, essa referência não diz respeito ao entrevistador, mas a qualquer um que se encontre nessa situação, o que significa que semanticamente ele tem um caráter genérico e, portanto, de ‘domínio comum’.

No que tange às formas de expressão, vimos que em quase 90% dos casos prevaleceu a marcação por meio de auxiliares modais, conforme Gráfico 4.

Gráfico 4: Formas de expressão da modalidade deôntica em *corpus* oral em língua espanhola.



As ocorrências (3/4) e (5) mostram o uso do auxiliar “*tener que*”, no presente do indicativo e no futuro do pretérito (condicional), respectivamente:

(5) *Inf.- Yo pienso que me hubiera gustado hacer a lo mejor muchos trabajos, pero en función de las condiciones articulares que yo tengo... Si mañana **tendría que** volver a elegir y fuera honesto conmigo mismo, volvería a elegir la abogacía.* (Entrevista 3 - Buenos Aires - BA-2. Hombre de 35 años. Abogado y docente universitario)

Em (4), o presente do indicativo confere ao enunciado um valor de verdade inquestionável em relação ao tema tratado: a renúncia a um estilo de vida. Esse tempo/modo foi o mais usado (68,7%). Em (5), ainda que se instaure uma obrigação, o valor é asseverado, uma vez que serve para ratificar a escolha feita pelo falante no passado: *elegir la abogacía*, por questões internas e morais, como ‘ser honesto consigo’.

Considerações finais

Após a leitura do *corpus* e análise, constatamos que a fonte *enunciador* é a mais utilizada pelo falante para instaurar obrigações por meio de auxiliares modais, o que representa 40% do total deste tipo de fonte. Por se tratarem de entrevistas que dão certa liberdade ao entrevistado, que em geral aborda temas de seu conhecimento, o falante parece se posicionar mais explicitamente para a instauração dos valores deônticos, o que constitui uma das marcas da *modalidade deôntica subjetiva*.

Em relação ao alvo preferido por este tipo de fonte para instauração da obrigação, dois destacaram-se igualmente: terceiro-ausente e domínio comum. Em ambos, percebemos a característica de não-identificação específica sobre quem recai o valor deôntico, o que constitui um modo de preservação de faces. Com o terceiro-ausente, há uma tentativa de ‘apagamento’ do alvo, enquanto que, com o ‘domínio comum’, as responsabilidades se diluem.

Por fim, salientamos que o estudo em questão se presta à descrição e análise da segunda língua mais falada no mundo, bem como para possíveis comparações com o português e para a reflexão que poderão auxiliar o ensino de espanhol no Brasil. Isso pode ter implicações práticas para o ensino de línguas pautado no desenvolvimento das habilidades/destrezas comunicativas (*competência comunicativa*), uma vez que partimos do texto para a gramática e, ao mesmo tempo, podemos perceber os condicionamentos desta sobre aquele, o que torna o ensino de línguas mais ‘palpável’ ao aprendiz de espanhol língua estrangeira (ELE) ou ao falante nativo.

Referências bibliográficas

AIKHENVALD, A. Y *Evidentiality*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

ANDRADE, M. L. C. V. de O. Língua: Modalidade oral/escrita. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. *Caderno de formação: formação de professores didática geral*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 50-67, v. 11. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40355/1/01d17t04.pdf>>. Acesso em: 14 ago.

ARAÚJO J. G. G. de; TIMÓTEO L. de M. Modalidade linguística e ensino de língua portuguesa: uma abordagem funcionalista. In: NOGUEIRA M. T.; LOPES M. F. V. (Orgs.). *Modo e Modalidade: gramática, discurso e interação*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (Org.). *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

CERVANTES, Instituto. *El Español: una lengua viva*. Madrid: Departamento de Comunicación Digital del Instituto Cervantes, 2014. Disponível em: <<http://estaticos.elperiodico.com/resources/pdf/3/4/1403364892543.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2014.

DIK. C. S. *The Theory of Funcional Grammar*. Vol. 1. Ed by Hengeveld (Kees) Berlin/ New York: Mounon de Gruyter, 1997.

HENGEVELD, K. Clause structure and modality in Functional Grammar. In: AUWERA, J. V. der.; GOOSSENS, L. (Eds). *Ins and outs of predication*. Dordrecht/Holanda: Foris Publications, 1987. p. 53-66.

_____. The Architecture of a Functional Discourse Grammar. In: GÓMES GONZÁLES, M. A.; MACKENZIE, J. L. (eds.). *A new architecture for functional grammar*, p. 243-272. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.

_____; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LYONS, J. *Semantics*. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MATTOSO CÂMARA, J. Jr. A Boa Linguagem. In: MATTOSO CÂMARA, J. Jr. *Manual de Expressão Oral e Escrita*. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 15-16.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e Letramento. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da Fala Para a Escrita*. Perdizes: Cortez, 2010. p. 17-18.

NICHOLS, J. Functional theories of Grammar. *Annual Review of Anthropology*, v. 13, p. 97-117, 1984.

RODRÍGUEZ, Victoriano Gaviño. Español coloquial. Pragmática de lo cotidiano. Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, 2008. Disponível em: <http://books.google.es/books?id=VawR6OhqI_UC&pg=PA5&lpg=PA5&dq=espa%C3%B1ol+coloquial+pragmatica+gavi%C3%B1o+rodriguez&source=bl&ots=xWiRsQB uD&sig=3LI5mEfNWQS2qTOOD8a0zoEho4&hl=en&sa=X&ei=mQ5EU7_zE8jx0gWZ8YCAAw&ved=0CDsQ6AEwAg#v=onepage&q=espa%C3%B1ol%20coloquial%20pragmatica%20gavi%C3%B1o%20rodriguez&f=false>. Acesso em: 21 ago.

SANTOS, C. F. *Variação e mudança lingüística dos pretéritos simples e composto, uma perspectiva sociolingüística e discursiva*: amostras de Madri, Cidade do México e Buenos Aires. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras Neoclássicas) - Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da UFRJ, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/cintiaferreiradossantosmestrado.pdf>. Acesso: 12 set. 2014.

SILVA-CORVALÁN, C. Contextual conditions for the interpretations of ‘poder’ and ‘deber’ in Spanish. In: BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (Org.). *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995. p. 67-105.

SOUZA, E. R. F. *Gramaticalização dos itens lingüísticos assim, já e aí no português brasileiro*: um estudo sob a perspectiva da gramática discursivo funcional. 2009. Tese (Doutorado em Lingüística) – Programa de Pós-Graduação em Lingüística do IEL-UNICAMP, Campinas.